

AS VOZES NO TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO COMO REDAÇÃO DE VESTIBULAR

*Voices in the Dissertative-Argumentative text as College
Admission Essay*

ADAIR VIEIRA GONÇALVES

Universidade da Grande Dourados (UFGD/CNPQ)

E-mail: adairgoncalves@ufgd.edu.br

GEOVANNA SALVINO DE LIMA

Universidade da Grande Dourados (UFGD)

E-mail: salvino.geovanna09@gmail.com

Resumo: Este trabalho, situado no campo da Linguística Aplicada, é uma pesquisa qualitativa, de cunho documental, amparado no referencial teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2009). Como objetivo específico, analisaremos o nível enunciativo do texto dissertativo-argumentativo compreendido, nesta pesquisa, como variação do gênero de referência (Schneuwly e Dolz, 2004). Por nível enunciativo, compreendemos sobretudo as vozes empregadas pelos estudantes no processo seletivo vestibular da UFGD do ano de 2022. Estas “podem ser definidas como as entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado” (Bronckart, 2003, p. 326). Como diz Bronckart (2003), é a instância geral de enunciação que vai assumir a responsabilidade do que vai ser dito e podem ser classificadas como vozes sociais, vozes de personagens e vozes do autor. O *corpus* para análise foi obtido por meio de mensagem eletrônica enviada ao Centro de Seleção da UFGD. Neste texto, vamos nos ater às produções escritas mais bem avaliadas pela banca de corretores, limitando-nos aos candidatos ao curso de Ciências Médicas

Palavras-chave: Interacionismo sociodiscursivo. Texto dissertativo-argumentativo como redação de vestibular. Vozes.

Abstract: This paper, situated in the field of Applied Linguistics, is a qualitative, documentary research, supported by the theoretical-methodological framework of Sociodiscursive Interactionism (Bronckart, 2009). As a specific objective, we will analyze the enunciative level of the dissertative-argumentative text understood, in this research, as a variation of the reference genre (Schneuwly and Dolz, 2004). By enunciative level, we understand above all the voices used by students in the 2022 UFGD entrance exam selection process. These “can be defined as the entities that assume (or to which are attributed) the responsibility for what is enunciated” (BRONCKART, 2009, p. 326). As Bronckart (2009) states, it is the general instance of enunciation that will assume the responsibility for what will be said and can be classified as social voices, character voices and author voices. The corpus for analysis was obtained through an electronic message sent to the UFGD Selection Center. In this text, we will focus on the written productions best evaluated by the correction board, limiting ourselves to candidates for the Medical Sciences course.

Keywords: Sociodiscursive interactionism. Dissertative-argumentative text as college admission essay. Voices.

INTRODUÇÃO

30

A redação do vestibular, entendida neste artigo científico como uma variação do gênero de referência social (cf. Belinelli; Barros; Striquer, 2020), já foi analisada por diferentes aportes teórico-metodológicos. Dentre estes, podemos destacar: pelos estudos dialógicos da linguagem (cf. Wilson, 2012; Cervo, 2013), pela Análise do Discurso de orientação francesa (cf. Brito, 2016), pela Linguística Aplicada, tomando como apporte teórico o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (Belinelli; Barros; Striquer, 2020, entre outros). As pesquisas sobre redação do vestibular tendo como apporte o ISD têm focado, sobretudo, a produção do gênero *artigo de opinião como redação do vestibular*, seja para analisar vozes e modalizações (Belinelli; Barros; Striquer, 2020), seja para discutir o duplo contexto de produção do gênero artigo de opinião em contexto de vestibular, uma vez que temos o artigo de opinião funcionado em sua esfera jornalístico-midiático (Bakhtin, 2016).

Belinelli e Barros (2021) afirmam que, a respeito do gênero artigo de opinião, não há como equiparar o letramento de um candidato ao vestibular com o de um articulista de jornal. Além disso, os contextos são diferentes, já que o artigo de opinião no contexto de vestibular tem o intuito não só de convencer uma banca avaliadora, mas também de ser bem avaliado por ela, e o de contexto jornalístico busca somente con-

vencer o interlocutor acerca do ponto de vista do articulista. Nós, apesar de tratarmos do texto dissertativo-argumentativo como redação de vestibular e não do artigo de opinião como as autoras, também defendemos essas distinções. Em nosso contexto, na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em seu processo seletivo vestibular, consideramos o texto dissertativo-argumentativo como redação de vestibular um gênero distinto do gênero de referência social.

Além disso, segundo Striquer e Barros (2020, p. 200), quando o gênero passa a ter caráter avaliativo e se alteram seus fins jornalísticos, ele sofre alterações em seus objetivos e elementos contextuais. As autoras afirmam que, neste caso, “o autor assume outros papéis sociais; os destinatários são outros; o tempo e espaço de produção também, consequentemente, os elementos linguístico-discursivos”. Por se deslocar de seu contexto de produção, há um conflito entre o que Belinelli e Barros (2021) chamam de real, relacionado ao processo avaliativo no contexto de vestibular e o virtual, relacionado ao gênero da esfera jornalística.

Muitos textos dissertativo-argumentativos, de acordo com Silva e Gonçalves (2024, p. 140), circulam “prioritariamente na esfera escolar”, e são utilizados em concursos vestibulares, sendo solicitado que os candidatos os escrevam como forma avaliativa para ingresso no ensino superior. Isso se dá devido ao decreto federal nº 79.298 de 1977, que, de acordo com Cervo (2013), determinou a inclusão da redação no vestibular em todas as Universidades do país, geralmente um texto dissertativo-argumentativo, podendo ser também um artigo de opinião, texto opinativo da esfera jornalística que é deslocado de seu contexto para se tornar instrumento de avaliação no ingresso em instituições. Sendo assim, evidenciamos a necessidade de distinguir o gênero propriamente dito da redação de vestibular e, nesta pesquisa, defendemos o texto dissertativo-argumentativo como uma variação do gênero de referência social.

O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

O Interacionismo Sociodiscursivo é um pressuposto teórico-metodológico proposto por Jean-Paul Bronckart, um dos pesquisadores do grupo de pesquisa de Genebra na década de 80, a partir da publicação da obra “Le fonctionnement des discours” (1985). Ele sugere a análise de textos a partir das atividades sociais às atividades de linguagem. Com base nesse pensamento de que um determinado texto deve partir

das atividades sociais às atividades de linguagem, o pesquisador elaborou um método específico para análise de textos e gêneros que, de acordo com Striquer (2014, p. 315), busca “conhecer as condições de produção e a arquitetura de um texto em seu funcionamento e organização [...]”.

Bronckart (2003, p. 75) entende o texto como “toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente” e diz que “todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero”, o que ele chama de gêneros textuais. O autor adota esse termo para se referir ao que Bakhtin reconhece como gêneros discursivos¹. Desta forma, em concordância com Schneuwly (1994, *apud* Bronckart, 2003), ele reconhece os gêneros textuais como um mega-instrumento que permite a comunicação entre os seres humanos.

Na produção textual há a influência de dois fatores que podem controlar todo o texto em seu aspecto organizacional: o contexto de produção e o conteúdo temático. Esses fatores compõem a ação de linguagem, que pode ser de nível sociológico e psicológico e aqui, em concordância com Bronckart (2003), entendemos como psicológica. O contexto de produção, que se refere ao “conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado” (Bronckart, 2003, p. 93), apresenta fatores importantes para a organização do texto, são eles: o do mundo físico e o do mundo sociosubjetivo. O contexto físico está no primeiro plano e refere-se ao que está situado no espaço-tempo, ou seja, a dimensão material e concreta da produção (lugar de produção, momento de produção, emissor e receptor). Esse contexto é chamado por Silva (2018, *apud* Belinelli e Barros, 2021) de contexto real. Já o mundo sociosubjetivo, que Silva chama de mundo virtual, está no segundo plano e refere-se a dimensão social da produção (lugar social, objetivo, papel social do enunciador e do destinatário).

32

A respeito da metodologia de análise de textos proposta por Bronckart, denominada por ele de arquitetura interna dos textos, o autor (2003, p. 119) afirma que “todo texto é organizado em três níveis superpostos e em partes interativos, que definem o que chamamos de folhado textual”. Desta forma, o folhado textual compõe a arquitetura interna dos textos e é composto por três níveis: 1) a infraestrutura geral do texto, que envolve o plano geral do texto, os tipos de discurso e os tipos de sequências; 2) os

1 Os gêneros discursivos de Bakhtin (1978; 1984) são entendidos por nós como sinônimos dos gêneros textuais de Bronckart (2003), haja vista que ambos autores entendem os gêneros como categorias que organizam e estruturam a comunicação em contextos sociais específicos.

mecanismos de textualização, que se referem à coesão nominal, coesão verbal e mecanismos de conexão; 3) os mecanismos enunciativos, que envolvem o gerenciamento das vozes e a modalização dos enunciados.

Os mecanismos enunciativos contribuem para a coerência pragmática do texto e, por serem independentes à progressão do conteúdo temático, podem ser chamados de mecanismos configuracionais. Neles, fazem-se presentes as modalizações e as vozes enunciativas no texto. As modalizações buscam, segundo Bronckart (2003, p. 330), “traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formuladas a respeito de alguns elementos do conteúdo temático” (Bronckart, 2003, p. 330). Elas podem ser lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas. Já as vozes enunciativas são “entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado” (Bronckart, 2003, p. 326). A partir desse conceito, percebemos três categorias distintas de vozes secundárias: vozes de personagens, vozes de instâncias sociais e voz do autor empírico. No quadro a seguir, elaborado por Belinelli e Barros (2021), é possível visualizar a definição de cada uma delas.

Quadro 1 – Subdivisão das vozes secundárias

33

VOZES DE PERSONAGENS	VOZES SOCIAIS	VOZ DO AUTOR
“[...] são as vozes procedentes de seres humanos ou de entidades humanizadas implicados, na qualidade de agentes, nos acontecimentos ou ações constitutivas do conteúdo temático de um segmento do texto” (p. 327).	“[...] são as vozes procedentes de personagens, grupos ou instituições sociais que não intervêm como agentes no percurso temático de um segmento do texto, mas que são mencionados como instâncias externas de avaliação de alguns aspectos desse conteúdo” (p. 327).	“[...] é a voz que procede diretamente da pessoa que está na origem da produção textual e que intervêm, como tal, para comentar ou avaliar alguns aspectos do que é enunciado” (p. 327).

Fonte: Belinelli e Barros (2021, p. 6).

Em conformidade com o quadro, as vozes de personagens são as vozes de entidades humanizadas como agentes do acontecimento do autor empírico.

Exemplo: “Escuta, Dalva, mês passado você disse que semana passada a gente ia combinar o casamento; semana passada você disse que esta semana; quando começou a semana você deixou pra resolver ontem; ontem você deixou pra resolver hoje; hoje você diz pra esperar o fim da novela.”

(L. Bojunga, *O sofá estampado*, p. 17)

No exemplo acima temos uma voz de personagem porque se trata da voz de uma entidade humanizada que possui condição de agente no texto. Neste caso é o personagem Vitor, um tatu apaixonado pela gata Dalva. Por isso o trecho, que é um recorte de uma fala do personagem no início do livro, é uma voz de personagem.

Já as vozes sociais procedem de grupos e instituições sociais, que podem ser identificadas no texto através de afirmações sobre o tema.

Exemplo: “Hannah Arendt, filósofa alemã, caracteriza a Ação como a partícula que singulariza o homem enquanto animal político. Para a filósofa a ação humana racionalizada e voltada aos interesses da comunidade singularizam o valor político do indivíduo.”

(Striquer e Barros, O artigo de opinião como redação de vestibular: um olhar sobre a construção composicional do gênero, 2020, p. 208)

Neste exemplo, a voz social de Hannah Arendt é uma voz que, diferente da voz de personagem, não interfere no percurso do conteúdo temático, sendo mencionada no texto apenas para sustentar o argumento do agente-produtor. Por este motivo, é uma voz social.

34

E a voz do autor é a voz do agente-produtor do texto. Ela pode ser identificada a partir de comentários e avaliações sobre o conteúdo temático.

Exemplo: “[...] No entanto, precisamos considerar que, por mais que estes casos tenham tido origem, em termos de mobilização, nas redes sociais, numa sede por justiça, não se trata de uma atitude nova. Ora, lembremos de Maria Madalena, a prostituta da Bíblia! [...]”

(Belinelli e Barros, A mobilização de vozes enunciativas no gênero “artigo de opinião como redação de vestibular”, 2021, p. 17)

Aqui há uma voz do autor porque, neste trecho, o agente-produtor utiliza verbos na primeira pessoa do plural (precisamos e lembremos) para se incluir no discurso, o que demonstra explicitamente sua voz.

Desta forma, buscamos analisar o gerenciamento dessas três vozes em textos dissertativo-argumentativos como redação de vestibular.

O GÊNERO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO

O texto dissertativo-argumentativo tem por objetivo principal analisar e interpretar dados reais por meio de conceitos abstratos (Gonçalves, 2002). Trata-se de um texto escolar argumentativo cujo objetivo é o de influenciar a opinião do destinatário a respeito de uma temática atual e controversa, de forma que a pessoa que escreve, que chamamos de agente-produtor, precisa defender um ponto de vista sobre determinado tema, utilizando justificativas e dados que sustentem sua opinião. Para isso, ele se apoia em vozes de natureza diversa para fundamentar seus argumentos.

Além disso, é solicitado em exames em larga escala, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e processos seletivos vestibulares, como o da UFGD. Quando é utilizado no contexto escolar, é usado pelo professor e o aluno tem o objetivo de alcançar uma determinada nota; no contexto examinatório, é avaliado por uma banca constituída geralmente por docentes e o candidato busca o ingresso numa universidade. Em ambas as formas, busca influenciar o leitor sobre uma problemática.

Desta forma, assim como Striquer e Barros (2020), defendemos o texto dissertativo-argumentativo solicitado nos processos seletivos vestibulares como uma variação do gênero de referência, e o chamamos de texto dissertativo-argumentativo como redação de vestibular. Nele, o contexto de produção é o real, no qual o candidato ao vestibular elabora um texto dissertativo-argumentativo em um contexto avaliativo.

Segundo Silva (2023, *apud* Silva e Gonçalves, 2024), o corpo do texto possui: 1) uma contextualização temática inicial, na qual o tema solicitado é abordado de forma introdutória; 2) um delineamento do problema e análise dos aspectos positivos e/ou negativos, em que o autor traz argumentos para problematizar o tema e defender seu ponto de vista; 3) conclusão, onde é feita uma proposta de intervenção.

Já Canizares (2019), baseando-se no plano geral do texto apresentado por Bronckart (2003), apresenta o texto dissertativo-argumentativo como redação de vestibular organizado em 3 a 5 parágrafos. Neste modelo, o título é opcional, o primeiro parágrafo é destinado à introdução do tema e à defesa da tese; o segundo para a argumentação e desenvolvimento, podendo esta fase chegar a três parágrafos; o último parágrafo para a conclusão, em que o candidato retoma a tese e finaliza o texto reforçando seu ponto de vista. Esse modelo é uma adaptação, feita por Canizares (2019), da organização global de um texto dissertativo-argumentativo apresentado por Brasil (2010) e devidamente citado em seu texto.

Diante de ambas estruturas, professores da escola regular e de cursos preparatórios elaboram um “esquema padrão” que serve como base para os alunos realizarem a produção do texto dissertativo-argumentativo, contendo um esqueleto pronto em que o aluno só precisa adaptá-lo à temática solicitada. Cervo (2013, p. 13), que diferentemente de nós entende a redação de vestibular como gênero, afirma que isso mecaniza a escrita e a afasta de seu objetivo principal, que é o de “[...] desenvolver a habilidade de utilização da modalidade escrita da língua para um determinado fim [...]”.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa, que, de acordo com Lüdke e André (1986) consiste em obter dados descritivos, focando mais no processo do que no produto final, através do contato direto e prolongado entre o pesquisador e a situação pesquisada. Nessa abordagem, buscamos entender a perspectiva e motivação dos participantes da pesquisa, que neste caso são os candidatos ao vestibular.

Além disso, se enquadra na pesquisa de cunho documental, que, segundo Oliveira (2007, p. 69, *apud* Sá Silva, 2009, p. 6) “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico [...]”. Ou seja, consiste em realizar pesquisas sobre materiais que ainda não foram analisados cientificamente e que são, portanto, fontes primárias. Quanto às etapas metodológicas da pesquisa documental, utilizamos os procedimentos apresentados por Lüdke e André (1986, p. 40) e retomados por Moraes e Gonçalves (no prelo, 2024), que consistem em: 1) caracterizar o tipo de documento utilizado: tipo técnico e escolar. Assim, o *corpus* da pesquisa é composto por seis textos dissertativo-argumentativos como redação de vestibular bem avaliados pela comissão julgadora, escritos por candidatos a vagas ao curso de Ciências Médicas ao Processo Seletivo da UFGD do ano de 2022, no qual buscamos entender o gerenciamento de vozes enunciativas no processo de produção textual; 2) decidir a metodologia de análise: para tal recorreremos à *Metodologia de Análise de Conteúdo* proposta por Krippendorff (1980, p. 21, *apud* Lüdke e André, 1986, p. 41), que busca “fazer inferências válidas e replicáveis dos dados para o seu contexto”; 3) iniciar a análise de conteúdo decidindo a unidade de análise: considerando que na unidade de registro o pesquisador escolhe os segmentos a serem analisados e os apresenta no texto buscando evidenciar a frequência que cada fenômeno aparece, optamos por

ele para analisar o gerenciamento de vozes nos textos dissertativo-argumentativos como redação vestibular, trazendo trechos dos textos juntamente com a análise; 4) decidir a forma de registro: optamos por apresentar trechos dos textos dissertativo-argumentativos presentes no *corpus* para evidenciarmos nossas constatações; 5) decidir a construção de categorias de análise: detectamos se os três tipos de vozes aparecem nos textos analisados.

ANÁLISE DO CORPUS DA PESQUISA

Para a análise do *corpus*, utilizamos textos dissertativo-argumentativos como redação de vestibular do Processo Seletivo Vestibular da UFGD de 2022. Nele, foi solicitado que o candidato redigisse, com base nos seus conhecimentos e na leitura dos textos motivadores, “um texto dissertativo-argumentativo, na modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, com, no mínimo, 15 e, no máximo, 30 linhas”. A orientação é que o candidato “selecione, organize e relate, de forma coerente e coesa, argumentos, fatos, informações e citações para constituição de seu texto”, com o tema “Segurança alimentar no Brasil: direito fundamental de todos, mas incerteza para muitos”².

Nos textos dissertativo-argumentativos analisados, buscamos observar o gerenciamento das vozes, e em todos os textos encontramos pelo menos duas vozes. No texto 1, o agente-produtor apresenta três vozes sociais sendo elas, respectivamente: Thomas More³, Thomas Hobbes⁴ e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A primeira voz social é citada na introdução do texto, de forma que o agente-produtor tenta comparar a obra “Utopia” com a realidade atual. Na segunda, o agente-produtor cita Thomas Hobbes: “[...] Segundo o pensador Thomas Hobbes, o estado é responsável por garantir o bem estar da população, entretanto isso não ocorre no Brasil [...]” (Texto 1, exemplo 1). Observamos que o agente-produtor cita a ocupação de Thomas Hobbes (pensador) para elevar o nível de sua argumentação. Segundo Belinelli e Barros (2021, p. 14), os candidatos fazem isso para “deixar claro que não se trata de qualquer pessoa,

-
- 2 Demais informações sobre a prova correspondente a esse ano, assim como as anteriores, estão disponíveis no site da UFGD: <https://portal.ufgd.edu.br/vestibular/processo-seletivo-vestibular-psv-psv-2022>.
- 3 Daqui em diante, demarcaremos as vozes nos trechos de textos utilizando o itálico, bem como apresentaremos os trechos de textos em sua escrita original, sem nenhum tipo de modificação.
- 4 Apesar dos agentes-produtores dos textos apresentarem algumas vozes escritas de forma incorreta, neste trabalho inserimos os nomes aos quais acreditamos que eles estejam se referindo.

mas sim de uma autoridade”. Porém, neste caso, o autor utilizou uma *citação coringa* para sustentar seu argumento, ou seja, uma citação que não apresenta nenhuma relação específica com o tema e pode se aplicar a várias temáticas. Isso demonstra o que Belinelli e Barros (2021) chamam de “argumento para impressionar a banca”, já que é adicionada no texto apenas para que a banca perceba que o candidato conhece um argumento de autoridade (frases de especialistas na temática ou instituições que embasam a argumentação) e consegue relacionar com o tema proposto.

Também observamos que, em vários momentos, o autor se distancia do discurso, utilizando o pronome oblíquo “se” e enunciando o que Silva e Gonçalves (2024, p. 147) chamam de “apagamento da voz do sujeito aluno”, como podemos observar nos trechos: “[...] Diante disso, *torna-se* fundamental a discussão desses aspectos, a fim de pleno funcionamento da sociedade”; “Dessarte com o intuito de mitigar o problema, *necessita-se* urgentemente que as autoridades competentes tomem partido [...].” (Texto 1, exemplos 4 e 5).

Os autores explicam que isso ocorre porque no texto dissertativo-argumentativo não é necessário que o autor utilize a primeira pessoa para expressar seu ponto de vista, diferentemente do artigo de opinião, que precisa que o agente-produtor esteja implicado no conteúdo temático. 38

No último parágrafo, destinado à conclusão da ideia defendida pelo agente-produtor, notamos que ele retoma uma voz social utilizada na introdução: a obra “Utopia” de Thomas More:

“[...] medidas exequíveis, são necessárias para conter o avanço dessa problemática na sociedade brasileira. Dessarte com o intuito de mitigar o problema, *necessita-se* urgentemente que as autoridades competentes tomem partido. Desse modo atenuar-se-á em médio e longo prazo o impacto nocivo do problema e a coletividade alcansará a *utopia de More*.” (Texto 1, exemplo 6).

Essa prática de retomar o que foi dito na introdução do texto é muito positiva para os corretores da banca, haja vista que demonstra que o candidato não só consegue gerenciar as vozes no texto, mas também consegue concluir a argumentação através de um diálogo construtivo com o interlocutor (a banca avaliadora).

No texto 2 encontramos três vozes: duas vozes sociais e uma voz de personagem. A voz de personagem utilizada para sustentar a argumentação do agente-produtor é a de Barão de Itararé, na qual ele diz: “*Barão de Itararé*, criador do jornalismo alternativo

no país durante o período da ditadura no país, estava certo ao dizer: “o Brasil é feito por nós, porém precisamos desatar os nós [...]”” (Texto 2, exemplo 1).

A partir desse trecho, observamos que o agente-produtor utiliza uma citação direta para trazer a voz de personagem. Através do verbo “dizer”, o agente-produtor insere o personagem no texto, de forma que trata do Barão de Itararé, jornalista humorístico brasileiro, como uma entidade humanizada implicada no texto como agente. Porém essa voz de personagem, assim como a voz social do texto 1, é uma *citação coringa*, já que não possui relação com o tema e é utilizada de forma genérica para impressionar o leitor, neste caso a banca avaliadora.

Além disso, neste mesmo parágrafo, o agente-produtor utiliza uma espécie de paráfrase do tema da redação: “[...] Nesse sentido, a segurança alimentar no Brasil – direito fundamental de todos nós- mas incertezas para muitos, está levando em conta à fome que vem aumentando nos dias atuais [...]” (Texto 2, exemplo 2). Podemos observar que, apesar da UFGD exigir que os candidatos não fujam da temática, a risco de receber nota 0, o agente-produtor faz uma cópia do tema proposto no caderno de redação e o introduz no texto para construir a sua argumentação e sustentar seu texto, o que entendemos como mal uso da temática.

39

Como dito anteriormente o autor traz, no texto 2, duas vozes sociais comuns em textos dissertativo-argumentativos, por se tratarem de pessoas que geralmente são prestigiadas pelos avaliadores, sendo elas a dos filósofos Zygmunt Bauman e John Locke. A voz social de Zygmunt Bauman, mobilizada no início do desenvolvimento do texto, é interpretada por nós como *citação coringa*, haja vista que é cabível à várias temáticas: “[...] de acordo com o filósofo Brahaumin, que criou a teoria “Geração Zum-bi” em que a sociedade não faz questão de discutir sobre seus direitos impostos pelo governo, com a saúde, alimentação entre outros [...]” (Texto 2, exemplo 3).

E a voz social de John Locke também é utilizada na discussão do texto no trecho a seguir:

“Ademais, a falta da discussão social com os brasileiros, sobre temas importantes no país, como foi dito pelo sociólogo Jhon Lucke na magna carta sobre o” contrato social”, onde o sistema político deve cumprir sua função social, ao bem estar da sociedade, contudo devido a essas questões a desigualdade social no Brasil é enorme. [...]” (Texto 2, exemplo 4).

Esse trecho, que também tem características de *citação coringa*, é estratégia de argumentação para que o candidato retome a voz de John Locke e a ideia defendida no parágrafo de conclusão, o que faz parte da própria estrutura do gênero: “[...] faz-se necessário uma intervenção estatal e social para acabar com a fome no país [...] com isso, o país cumprirá a função do contrato social, *como foi dito por Lucke*” (Texto 2, exemplo 5). Apesar de a voz ter sido inserida no desenvolvimento de forma genérica, o candidato conseguiu “enriquecer” sua proposta de intervenção utilizando-a na conclusão.

Também encontramos, assim como no texto 1, o apagamento da voz através do uso do pronome oblíquo “se”: “Contudo, *faz-se* necessário uma intervenção estatal e social para acabar com a fome no país [...]” (Texto 2, exemplo 6). Neste trecho, o autor está, como afirma Bronckart (2003), de forma autônoma, não implicado no conteúdo temático, o que nos leva a perceber um padrão nos textos dissertativo-argumentativos, em que os agentes-produtores tendem a escrever o texto se distanciando do enunciado.

No texto 3 observamos três vozes, sendo a primeira delas a voz social de Lênin, revolucionário comunista do século 20. Porém, nos atentamos às outras duas que são caracterizadas como vozes de personagens sendo, respectivamente, a de Karl Marx e João Cabral de Melo Neto, nas quais o agente-produtor utiliza o verbo “dizer” para instaurar nestas a condição de agentes no texto:

40

“[...] Percebe-se que o Capitalismo é bastante cruel, principalmente para as mazelas, como diria *Karl Marx*.”; “[...] Já dizia a obra de *João Cabral de Melo Neto* “Morte e Vida Severina”, a fome é a miséria do povo [...]” (Texto 3, exemplo 1).

Percebemos que as vozes de personagens em textos dissertativo-argumentativos como redação de vestibular são empregadas como forma de impressionar a banca, de forma que o candidato escolhe trazer os autores como agentes do discurso passando, assim, uma maior credibilidade no que está sendo dito.

Além disso, outros fenômenos observados nos textos anteriores também foram manifestados no texto 3, como o apagamento da voz do agente-produtor: “[...] Percebe-se que o Capitalismo é bastante cruel [...]” (Texto 3, exemplo 2), e a inserção de dados apresentados nos textos motivadores para “enriquecer” a argumentação: “[...] já que milhares de pessoas não têm acesso a uma alimentação de qualidade, principalmente na *Região Norte e Nordeste*” (Texto 3, exemplo 3). Isso nos mostra que o que analisamos

nos textos até agora não é algo único e exclusivo de alguns candidatos, mas um padrão reproduzido por eles com o objetivo de impressionar a banca corretora.

No texto 4, o agente-produtor mobiliza três vozes sociais de autores de obras literárias: a de Carolina Maria de Jesus e seu livro “Quarto de despejo”, a de Emmanuel Marinho e seu poema “Genocídio” e a de Sérgio Buarque de Holanda e o livro “Raízes do Brasil”, de forma que consegue construir bem a argumentação e aparenta não só tentar impressionar a banca corretora, mas de fato conhecer as obras citadas. Por provavelmente conhecer as obras, consegue construir melhor sua argumentação comparando com os textos analisados anteriormente, através de vozes que trazem coerência ao texto. Porém há, assim como nos textos 1, 2 e 3, o apagamento da voz: “Desse forma, *nota-se* uma proporcionalidade entre os impasses sociais e a diminuição da segurança alimentar [...]” (Texto 4, exemplo 1). A isso não classificamos como bom nem ruim, porém nos atentamos ao fato de que, até agora, todos os textos analisados apresentaram pelo menos um elemento de distanciamento, ou seja, de autonomia em relação ao conteúdo temático.

Novamente a estratégia de retomar na conclusão a voz social utilizada anteriormente foi observada, quando no texto 4 o agente-produtor escreve:

41

“[...] relatar sobre as práticas que levam à deterioração das condições alimentares existentes no país quer realçar o papel da má distribuição de produtos no território nacional pela enorme influência comercial das localidades centrais, além de ressaltar o abismo social como formador da desigualdade de acesso à comida. Dessa maneira, continuando com essas atividades, os sofrimentos vividos por *Carolina Maria de Jesus* serão cada vez mais notados no futuro do país.” (Texto 4, exemplo 4)

Podemos notar que o agente-produtor consegue relacionar a obra de Carolina Maria de Jesus com a realidade atual, na qual ele retomando a voz para concluir sua tese.

Assim como no texto 4, o agente-produtor do texto 5 também cita o poema “Genocídio”, introduzindo o leitor, que, neste caso, são os membros da banca corretora, à temática proposta. No parágrafo destinado à conclusão do texto, o agente-produtor traz a seguinte voz de personagem:

“[...] *Martin Luther King* trouxe uma contribuição relevante ao defender que “a injustiça em um lugar qualquer é uma ameaça à justiça em qualquer lugar”, fazendo-se saber que é preciso trazer a tona tal temática atraindo o olhar do público a esses contrastes sociais.” (Texto 5, exemplo 2).

Para nós, essa voz é genérica, de forma que só é inserida no texto para impressionar a banca. Além disso, novamente notamos o uso do verbo acompanhado de pronome oblíquo “se” para se afastar do enunciado: “*vê-se*”, “*destaca-se*”, “*fazendo-se saber*” (Texto 5, exemplos 3, 4 e 5).

Já no texto 6, último texto analisado, o agente-produtor traz uma argumentação organizada e bem embasada, utilizando dados estatísticos com as vozes do IBGE - de repertório próprio e de textos motivadores apresentados no caderno de redação, e as vozes da Constituição Federal de 1988 e do filósofo Aristóteles, que auxiliam para a construção de argumentos do texto de forma coerente. Além disso, neste texto não há a implicação do agente-produtor no discurso, diferente dos outros textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos textos notamos que, como esperado, apesar da aparição de algumas vozes de personagens, as vozes sociais são as que prevalecem nos textos dissertativo-argumentativos como redação de vestibular, utilizadas pelos agentes-produtores com o objetivo de influenciar a banca sobre suas erudições, através de grandes autores, filósofos renomados e dados estatísticos.

Além disso, dos seis textos analisados, cinco tiveram a manifestação do apagamento (ou a não implicação do agente-produtor) de voz do sujeito aluno, que como presumem Silva e Gonçalves (2024, p. 147), fazem parte do “elo estilístico do gênero dissertativo-argumentativo”. Ou seja, a sua frequência nos textos analisados se dá porque esse apagamento em textos dissertativo-argumentativos é um estilo escolhido pelo próprio candidato ao escrever textos do gênero.

Por fim, entendemos que a motivação dos candidatos a utilizarem as vozes nos textos dissertativo-argumentativos como redação de vestibular é a de, principalmente, impressionar a banca avaliadora, mesmo que, na maioria das vezes, elas sejam utilizadas sem conexão com o fio argumentativo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BELINELLI et al. Modalizações em artigos de opinião como redação de vestibular. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, n. 21, v. 1, 2020.
- BELINELLI, G. P.; BARROS, E. M. D. de. A mobilização de vozes enunciativas no gênero “artigo de opinião como redação de vestibular”. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 11, n. 1, e2000, p. 1-23, jan.-abr./2021. DOI: 10.22168/2237-6321-12000.
- BOJUNGA, Lygia. *O sofá estampado*. 25^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- BRITO, L. A. N. O gênero redação do vestibular em foco. *Linguagem*, São Carlos, v. 26 (2): 2016.
- BRONCKART, J-P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.
- CANIZARES, K. A. L.; SANTOS, T. C. dos; MANZONI, R. M. Modelização Teórico-Didática do gênero dissertação-argumentativa adaptada ao vestibular da Unesp. *revista CB-TecLE*, 3(1), 154-174. (2019). recuperado de <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTecLE/article/view/112019153>.
- CERVO, A. *A redação do vestibular: uma análise para além do enunciado*. 2013. 113f. Dissertação. (Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.
- GONÇALVES, A. V. *Gêneros textuais na escola: da compreensão à produção*. Dourados: EDUFGD, 2011.
- GONÇALVES, A.V. *O interacionismo na Produção de Textos Dissertativos*. Assis, 2002. 165 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MORAIS, M.; GONÇALVES, A. *O ensino de análise linguística: professores em formação inicial encarando embates e desafios no período das regências no estágio em letras.* (No prelo).

SÁ-SILVA et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. ano 1, n. 1, julho de 2009.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola.* Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, F.; GONÇALVES, A. Mecanismos enunciativos a partir de uma sequência didática do gênero escolar dissertativo-argumentativo. In: ABDALLA, Selma (org.). *Ensino de línguas e formação de professores em perspectivas críticas.* São Paulo: Editora dialética, 2024, p. 129-153.

STRIQUER, M. D. S; BARROS, E. M. D. de. O artigo de opinião como redação de vestibular: um olhar sobre a construção composicional do gênero. *Línguas e Letras*, Casca-vel/PR, v. 21, n. 49, p. 197-215, 2020.

STRIQUER, M. D. S. O método de análise de textos desenvolvido pelo Interacionismo Sociodiscursivo. *Eutomia*, Recife/PE, v. 14, n. 1, p. 313-334, 2014. 44

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. *Vestibular UFGD 2022 – Caderno de Provas.* Dourados: UFGD, 2022. Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/PROCESSO-SELETIVO-VESTIBULAR-PSV/Provas%20Anteriores/PSV-2022.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

WILSON, V. A redação do vestibular: um gênero híbrido. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 15, n. 1, p. 87-112, jan./jun. 2012.